

TRABALHO AVULSO - FEMINISMOS, GÊNERO E SEXUALIDADE

CONTRIBUIÇÕES INTERSECCIONAIS PARA REPENSAR AS AGENDAS DE PESQUISAS FEMINISTAS EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Gabriela M. Kyrillos (gabrielamkyrillo@gmail.com)

A interseccionalidade é provavelmente o conceito proveniente dos estudos feministas que mais se popularizou nas últimas décadas. Isso tem se dado de forma interdisciplinar e a partir de diversos lugares do mundo. Contudo, ainda assim são poucas as pesquisas que se dedicam a utilizar o arcabouço teórico interseccional no campo de Relações Internacionais (RI) – uma exceção na área das ciências sociais e humanas. Este trabalho parte do pressuposto de que essa lacuna precisa ser superada e questiona: como os elementos interseccionais que compõem o campo teórico e prático das RI contribuem para repensar e reforçar as agendas feministas de pesquisa na área? Em especial, quando nos situamos a partir da realidade e do profuso campo teórico latino-americano.

Sendo assim, esse texto que se constrói a partir de procedimentos metodológicos eminentemente bibliográficos e de caráter exploratório. Pretende construir uma aproximação teórica das Relações Internacionais com a interseccionalidade. Para isso, desenvolverá a compreensão da interseccionalidade como teoria social crítica (COLLINS, 2019), como ferramenta analítica (CRENSHAW, 1989; 1990) e como teoria e práxis crítica (COLLINS; BILGE, 2016). Bem como, aprofundará o reconhecimento de que a interseccionalidade surgiu das articulações teóricas e práticas de mulheres negras, indígenas e chicanas do norte e do sul global (COLLINS; BILGE, 2016;

KYRILLOS, 2020), tendo sido nomeada pela jurista negra estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989).

Para alcançar a proposta de aproximar a interseccionalidade e as RI utilizamos o conceito de poder como eixo central. Desde as primeiras contribuições de teóricas feministas de RI, tem sido vastamente analisado e documentado que o campo de atuação e a disciplina e suas epistemologias tradicionais, são fundadas a partir de um viés de gênero (TICKNER, 1988; 1997; ENLOE, 2014). Gênero, em uma forçosa síntese, “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21) . Em outras palavras, o gênero conceitua a distribuição desigual de recursos, poder e prestígio entre as categorias binárias de mulheres e homens, bem como a forma como essa desigualdade estrutura e organiza a vida em distintas sociedades.

Mas de fato, não é apenas o gênero que estrutura o campo das RI, assim como, ele não se constitui como um elemento de desigualdade isolado – como muito já sinalizaram Maria Lugones (LUGONES, 2008; 2014) e Rita Segato (2012) que, apesar de divergências em suas interpretações, apontam que na América Latina o gênero como conhecemos hoje se constitui necessariamente a partir das relações coloniais e raciais sobre os corpos e territórios da região. Portanto, quando utilizamos a interseccionalidade como uma ferramenta analítica e referencial teórico, ela nos subsidia para compreender como as RI é não apenas gendrada (TICKNER, 1997; ENLOE, 2014) e fundada no racismo estrutural e epistêmicos (SILVA, 2021), mas necessariamente produzida e reproduzora das diversas formas de desigualdades de poder que se coproduzem no constante imbricamento de racismo, sexism, colonialidade e capitalismo. Em outras palavras, ela nos ajudará a ter outra aproximação com um tema central de RI: o poder.

Assim, essa pesquisa se constitui em sintonia com as sensibilidades analíticas das abordagens decoloniais e demonstrará a importância da interseccionalidade como chave de leitura para repensar, fortalecer e complexificar as agendas de pesquisas feministas em RI. Nesse sentido, são apresentados alguns dos elementos que tornam a interseccionalidade um conceito chave para entender as desigualdades de gênero, raça e localidade na América Latina e no Sistema Internacional.

Referências

- COLLINS, P. H. *Intersectionality as Critical Social Theory*. 1. ed. Durhan and London: Duke University Press, 2019.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. *Intersectionality*. 1. ed. Cambridge: Polity Press, 2016. v. 1
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, p. 139, 1989.
- CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, p. 1241, 1991 1990.
- ENLOE, C. *Bananas, Beaches and Bases - Making feminist sense of international politics*. 2. ed. California: University of California Press, 2014.
- KYRILLOS, G. M. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, n. 1, 2020.
- LUGONES, M. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, n. 09, p. 73–101, 1 jul. 2008.
- LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935–952, dez. 2014.
- SCOTT, J. W. Gênero?: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.
- SEGATO, R. L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos CES*, n. 18, 1 dez. 2012.
- SILVA, K. D. S. A surdez e a cegueira seletivas para as dinâmicas raciais nas Relações Internacionais. *RIL Brasília*, v. 58, n. 229, p. 37–55, mar. 2021.
- TICKNER, J. A. Hans Morgenthau's Principles of Political Realism: a feminist reformulation. *Millennium*, v. 17, n. 3, p. 429–440, 1988.
- TICKNER, J. A. You Just Don't Understand: Troubled Engagements Between Feminists and IR Theorists. *International Studies Quarterly*, v. 41, n. 4, p. 611–632, dez. 1997.

